

Trabalho de Graduação
Curso de Graduação em Geografia

**RAFARD (SP) E A CULTURA DA CANA-DE-AÇÚCAR:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A URBANIZAÇÃO E AS RELAÇÕES
SOCIAIS**

Anaíza Garcia Pereira

Prof. Dr. Fadel David Antonio Tuma Filho (orientador)

Rio Claro (SP)

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

ANAÍZA GARCIA PEREIRA

RAFARD (SP) E A CULTURA DA CANA-DE-AÇÚCAR:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A URBANIZAÇÃO E AS
RELAÇÕES SOCIAIS

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -
Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para
obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Rio Claro - SP

2011

ANAÍZA GARCIA PEREIRA

RAFARD (SP) E A CULTURA DA CANA-DE-AÇÚCAR:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A URBANIZAÇÃO E AS
RELAÇÕES SOCIAIS

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -
Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para
obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Comissão Examinadora

Fadel David Antonio Tuma Filho (orientador)

Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira

Enéas Rente Ferreira

Rio Claro, 17 de Outubro de 2011.

Assinatura da aluna

Assinatura do orientador

AGRADECIMENTOS

Com muito orgulho finalizo mais um ciclo em minha vida, mas esse sonho não se concretizaria se eu tivesse que sonhá-lo sozinha, para tanto contei com a ajuda de muitos, que me auxiliaram desde o começo de minha jornada, ou aparecem pelo percurso para me acompanhar, com os quais devo, no mínimo, um muito obrigada.

Primeiramente, e de maneira muito especial, gostaria de agradecer aquele que desde meu segundo ano de faculdade foi um amigo, pai, e, por vezes, meu orientador, o Professor Doutor Fadel David Antonio Tuma Filho, para mim, papai.

À Professora Darlene por ter me recepcionado muito bem em sua sala quando precisei de ajuda na confecção dos mapas.

Ao pessoal da vigilância que cuida da nossa segurança no campus, são ótimos amigos, pessoas com a Meire e sua irmã Mirtes, o Serginho, o Marcelo do IB, o Marcelo do IGCE, o Jair, entre tantos outros.

Ao Sr. Antônio pelos pães de queijo matinais e as conversas instrutivas.

Depois não posso me esquecer da minha família, aquela que Deus me deu, a quem devo agradecer de forma especial a minha doce avó, dona Lila, mulher guerreira e por muitas vezes meu porto seguro. Também nesse parágrafo gostaria de lembrar dos meus tios, Rose e Luis, pelo apoio financeiro, sei que sem vocês eu teria voltado para Rafard no meu segundo ano. E ainda tem o meu irmão, Alex, afinal ele é meu irmão!

Agradeço ainda à família que conquistei durante toda minha vida, lembrando aqui da minha melhor amiga de toda uma vida, minha Loirão (Yve), pessoa que sempre te trás à realidade quando você pensa que a vida é festas e uma grande brincadeira, mas que também te chama na hora de ir para festa e fazer bagunça.

À família que construí na UNESP, grandes amigas e irmãs, Charlenne e Aline, com suas sempre bem-vindas surpresas de aniversário, à família Judeu Feliz, todos os meninos me aturam e muito, principalmente nesses últimos meses. À Debora Queiroz, Chun, por ter ajudado na formatação da numeração das páginas.

À família que ganhei em Mogi Mirim e Pinhal, minha futura sogrinha Mirian, se mostrando uma ótima amiga, meu futuro sogro, Claudio, pelos ótimos conselhos, principalmente sobre consórcios e financiamentos, minha futura cunhada, Rafaela, pelas conversas numa quarta-feira ociosa. Em Pinhal faz-se necessário começar pela Lelia, figura cômica, adoro muito ela, o senhor Gentil, sua simpatia se inicia pelo nome, pessoa do jeitinho que eu gosto, corintiano e não dispensa uma cerveja, e, para finalizar, mas não menos importante, dona Iracema, a avó mais jovem que eu conheço.

Não poderia terminar por aqui sem agradecer as pessoas mais importantes da minha vida, meu pai, Pim, o qual a morte me fez acordar para a vida, o melhor pai do mundo, responsável por parte da minha formação de caráter.

À minha mãe, que mesmo sem entender o que eu estou buscando me apóia incondicionalmente. Sempre que preciso de força é nessa mulher que acho meu acalanto. Muito obrigada mãe, te amo muito e sempre!

Para finalizar, ao meu grande companheiro, que me ajudou a concluir esse trabalho em muitos aspectos, tendo calma comigo, me ensinando, ou mesmo corrigindo meu trabalho em certos momentos. Obrigada Lolo, Rato, Leonardo, espero te ter por perto por muito tempo.

Não sou escravo de ninguém
Ninguém, senhor do meu
domínio
Sei o que devo defender
E, por valor eu tenho
E temo o que agora se desfaz.

[...]
Não me entrego sem lutar
Tenho, ainda, coração
Não aprendi a me render
Que caia o inimigo então.

[...]
E nossa história não estará pelo
avesso
Assim, sem final feliz.
Teremos coisas bonitas pra
contar.
E até lá, vamos viver
Temos muito ainda por fazer
Não olhe pra trás
Apenas começamos.
O mundo começa agora
Apenas começamos
(Renato Russo – Metal Contra as
Nuvens)

RESUMO

Pretendemos com o presente trabalho expor uma breve análise acerca de fatores sociais que englobam o sistema capitalista. Tendo o município de Rafard como nosso foco de estudo, analisaremos como o agronegócio e as migrações têm grande importância política nessa pequena cidade e ainda são fatores determinantes para formação sócio-cultural de seus munícipes, bem como a formação e o desenvolvimento econômico da própria cidade. Observaremos como uma cidade com apenas 8.599 habitantes se sujeita as leis ditadas pelo capital através da interferência de uma grande Unidade de Produção Agroindustrial Canavieira presente em seu território.

Palavras-Chave: Unidade de Produção Agroindustrial Canavieira; migrantes; impactos sociais; relações sociais.

ABSTRACT

We intend to expose this paper a brief review about the social factors that include the capitalist system. Having the city of Rafard as our focus of study, we are going to analyze how agribusiness and migration have great political significance in this small town, and still are determining factors for socio-cultural training of its citizens, as well the formation and economic development of their own city. We are going to observe how a town with only 8.599 inhabitants is subjected to the laws dictated by capital through the interference of a large sugarcane agro industrial production unit present in its territory.

Keywords: Agroindustrial Sugarcane Production Unit, migrants, social impacts, social relations.

LISTA DE MAPAS:

FIGURA 1: Localização de Rafard	19
FIGURA 2: RAFARD-CAMPINAS	23
FIGURA 3: ESTADO DE SÃO PAULO – 1990	23
FIGURA 4: ESTADO DE SÃO PAULO – 2000	24
FIGURA 5: ESTADO DE SÃO PAULO – 2009	24
FIGURA 6: Município de Rafard	29
FIGURA 7: Localização da UPAC – Unidade de Produção Agroindustrial Canavieira.	35

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. METODOLOGIA: As Bases Teóricas da Investigação	10
3. A CANA-DE-AÇÚCAR NO ESTADO DE SÃO PAULO	11
4. O FENOMENO MIGRATÓRIO	13
4.1. O RECORTE TEMPORAL NO FENÔMENO MIGRATÓRIO	14
4.2. AS RAÍZES DOS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS NO BRASIL	16
4.3. “A MIGRAÇÃO COMO EXPRESSÃO DA CRESCENTE SUJEIÇÃO DO TRABALHO AO CAPITAL” (ROSSINI, 1986)	17
5. O ESTUDO DE CASO: MIGRAÇÕES TEMPORÁRIAS EM RAFARD	19
5.1. QUADRO NATURAL	19
5.2. ESCLARECENDO ATRAVÉS DA HISTÓRIA	20
6. A REGIÃO COMO FATOR DE ATRAÇÃO	22
7. DESCRIÇÃO SOBRE AS PROBLEMTICAS QUE SE SEGUIRAM	25
7.1. SAÚDE	26
7.2. MEIO AMBIENTE	27
7.3. HABITAÇÃO	28
7.4. SOCIAL	29
8. CONCLUSÃO	30
9. REFERENCIAS	31
10. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	32
ANEXOS	34

Rafard (SP) e a Cultura da Cana-de-açúcar: Considerações Sobre a Urbanização e as Relações Sociais

1. INTRODUÇÃO

Nos dias atuais a palavra chave é sustentabilidade, que representa as condições de avanços tecnológicos sem prejudicar o meio ambiente, isso porque as transformações que o ser humano vem causando no onde vive podem interferir na saúde do planeta.

Sabemos que muitas das mudanças ocorridas na configuração da paisagem do Brasil decorrem de práticas “despreocupadas” do ser humano no trato com os elementos que compõem o meio em que vive.

Existe um município do interior do estado de São Paulo que apresenta um dilema para seus habitantes, que têm que escolher entre desenvolvimento econômico e sua própria saúde. Esse trabalho trata de mostrar a situação que a população de Rafard vive sob a ameaça de um tipo de “coronelismo” imposto pela usina de cana-de-açúcar que se localiza no centro da cidade e apresenta poucas adequações às normas ambientais.

Rafard é uma cidade que nasceu e cresceu em volta de um engenho de cana-de-açúcar. A disposição da cidade que temos hoje é a rua principal, onde se localiza comércio, tendo seu fim na portaria da secretaria da usina de cana-de-açúcar. Para entender como essa evolução se deu e como Rafard foi organizada espacialmente é necessário conhecer sua história pra isso destacamos um capítulo desse trabalho para fazer essa explanação.

Diante do exposto, o presente trabalho tratará sobre o desenvolvimento econômico atingido pela cidade em contraste com os incômodos sócio-ambientais gerados pela unidade de produção agroindustrial canavieira que está instalada no seu território.

Desde a instalação do engenho central a cidade se formou, cresceu e se desenvolveu, ninguém quer que a usina se desloque ou mudo de cidade, mas a população precisa que ela se adéqüe corretamente as normas exigidas pela

CETESB, garantindo uma melhoria de vida para seus cidadãos, e que se faça um treinamento com os trabalhadores que trazem de outros estados para a cidade nas épocas de safra.

Ainda a época da safra nos traz um entrave social gerado pelo fenômeno da migração temporária, esse fenômeno reflete o processo de desigualdade social que observamos em território brasileiro, o que implica a sobrevivência das populações de baixo poder aquisitivo, enquanto o retorno periódico ao espaço de vivência recria novas significações. O dinamismo das migrações vem tomando novas formas, porém permanece a busca por melhores condições de vida.

Pelos motivos apresentados buscaremos diagnosticar os impactos sócio-ambientais em contraste com o desenvolvimento econômico atingido na cidade, bem como a busca por medidas que podem reduzir os danos que a usina causa.

2. METODOLOGIA: As Bases Teóricas da Investigação

Definir a pressão demográfica como causa permanente dos processos migratórios é interessante para os estudos geográficos da atualidade, mas mais do isso, devemos esclarecer os aspectos históricos no desenvolvimento desse fenômeno. Vendo os fluxos migratórios como um processo estreitamente relacionado com o acúmulo de capital, já percebemos que a metodologia que melhor se encaixa para a análise desse trabalho é o materialismo histórico e dialético. Através de um apanhado histórico que envolve o município de Rafard explicamos as relações sociais decorrente dos processos migratórios por conta da disponibilidade de trabalho.

Sabemos que toda metodologia visa explicar determinada concepção da realidade, ao utilizarmos o materialismo histórico e dialético, propomos uma discussão da realidade que vamos registrar tendo como base os processos históricos que atuaram na formação social da região de estudo. Com isso podemos lembrar-nos de Demo (1985), quando discorre sobre a dialética em seu livro, Introdução à Metodologia da Ciência, “a metodologia mais correta para as ciências

sociais, porque é aquela que, sem deixar de ser lógica, demonstra sensibilidade pela face social dos problemas” (DEMO, 1985, p. 85) ponto de partida essencial na nossa análise.

Por estar ligada a contradição ou conflito, a dialética aceita a realidade como sendo suficientemente contraditória a ponto de não haver apenas contradições leves, superficiais ou passageiras, mas também veremos àquelas de tal profundidade que levam a formação social a se superar. Teremos conflitos historicamente superáveis, ou seja, aqueles que a superação só é explicável historicamente. Segundo Dezan (2007, p. 15)

Nosso objeto de pesquisa se encaixa no contexto das mudanças sociais. Na metodologia dialética, as mudanças sociais não são ocasionais e muito menos anormais. São regularidades históricas, que fazem parte da estrutura da História e da formação do espaço geográfico.

Assim podemos entender como as migrações atuam sujeitas ao capital, nesse contexto, George vai definir as migrações temporárias dizendo que:

A solução mais simples para o problema imediato do emprego, quando o empregador ou o poder de tutela do empregador não desejam encarregar-se da instalação e da manutenção social de um excesso de população correspondente à necessidade de força de trabalho, é o recurso a uma migração temporária de trabalhadores. Trata-se de apelar para homens, cuja força de trabalho se acha no apogeu, e que só devem permanecer no local durante um pequeno número de anos. (GEORGE, 1969, p. 115)

Portanto, nos pautamos nos preceitos da Geografia Crítica para entendermos e analisarmos os processos decorrentes das migrações temporárias, tanto os que os fatores precedem quanto os seus efeitos na economia e nas relações sociais.

3. A CANA-DE-AÇÚCAR NO ESTADO DE SÃO PAULO

Este capítulo não tem como objetivo fazer um apanhado histórico do processo de inserção da economia canavieira no Estado de São Paulo. O que pretendemos levantar de estudo ao que se refere em relação à cana-de-açúcar em nosso estado é entender como o dirigismo estatal sempre atuou proporcionando a fixação e o desenvolvimento de tal cultura na área de estudo.

O sentido histórico do dirigismo é a consolidação e a expansão do capitalismo. O intervencionismo é a condição indispensável para que se processe a industrialização de um país inserido perifericamente no capitalismo mundial. A iniciativa e liderança do Estado foi um momento necessário da ruptura e reintegração da economia nacional com a internacional. ... a hegemonia do Estado não é senão a acentuação de uma categoria essencial do sistema. Como produto e órgão das relações de classes em formação ele se projeta segundo as determinações do tipo de estrutura possível na configuração crítica. (IANNI, 1965, p. 206, apud. BRAY; FERREIRA; RUAS, 2000, p. 7)

Todo o processo de implantação da cana-de-açúcar em solo brasileiro sempre esteve ligado às políticas estatais, desde a criação do Instituto de Açúcar e Alcool (IAA) em 1933, até o Programa Nacional do Alcool (PROÁLCOOL), em 1975, mantido até os dias atuais.

Antes do PROÁLCOOL, a produção que tínhamos de álcool não passava de um processo natural da industrialização do açúcar, já que o álcool residual, ou álcool de melaço é subproduto da produção açucareira. Segundo Bray; Ferreira; Ruas (2000, p.8):

Até o início da década de 1930, a produção de álcool era destinada principalmente ao consumo doméstico e a servir de matéria prima para algumas pequenas indústrias químicas e farmacêuticas que existiam no período inicial da industrialização no Brasil.

A ação estatal desloca a produção de açúcar do Norte para o Sul do Brasil, no início da década de 1930, com a industrialização do álcool-motor, acompanhando o deslocamento do eixo econômico do país, como expôs Gileno de Carli (1940). Representou a integração dos mercados regionais que se organizaram anteriormente, e as novas relações espaciais passaram a ser comandadas pelo centro hegemônico do capital industrial paulista. Como descreve Singer (1968, p.70-71):

Na primeira fase da nossa industrialização que se pode datar, de modo aproximado, de 1890 a 1920, a economia brasileira se apresentava sob a forma de conjuntos regionais relativamente separados uns dos outros: o Nordeste açucareiro e algodoeiro, o Sul da Bahia cacauzeiro, o Sul produtor de carne e cereais etc. Em cada uma destas economias regionais formou-se um bolsão industrial, que se aproveita da própria compartimentação da economia nacional para dominar o mercado regional e crescer até onde os limites destes permitiam... a indústria regional mais forte, no caso a de São Paulo, começou a penetrar nos outros mercados, superando na concorrência os bolsões industriais que neles prevaleciam.

Com o desenvolvimento da cultura da cana no estado de São Paulo, veremos um fenômeno descrito por Bray (1989) como a consolidação da forma burguesa de se produzir açúcar em São Paulo, que nada mais é do que o domínio das usinas de açúcar e álcool em detrimento dos antigos engenhos. Logo, os engenhos que se desenvolveram ganharam força econômica no mercado mundial, assim que se industrializaram, gerando grandes usinas hegemônicas com forte atuação política onde se instalaram.

4. O FENOMENO MIGRATÓRIO

Durante toda a história de formação territorial, podemos observar a importância do papel dos processos migratórios na composição sócio-cultural do território, sendo esse um assunto de extrema importância para os estudos dentro da Geografia.

Segundo Dezan,

[...] a história da humanidade registra, desde o seu aparecimento na face da Terra até hoje, repetidos movimentos de migração e de fixação de populações em várias regiões do globo. Os seres humanos sempre se movimentaram, por instinto, com o desejo de conhecer e explorar o desconhecido ou impulsionados por problemas políticos, econômicos, sociais, religiosos, guerras, ou através da combinação de dois ou mais desses fatores. No decorrer dos séculos aconteceram muitos movimentos migratórios de proporções diferentes, sendo alguns de grandes dimensões, os quais influíram significativamente na evolução histórica do gênero humano. (DEZAN, 2007, p. 18)

Nesse trecho percebemos diversos motivos para termos os fenômenos migratórios, mas vamos nos ater a um deles descrito por Damiani em seu livro Geografia e População, onde ela relata que “A discussão da migração tem um caráter estratégico no desvendamento da relação entre a dinâmica populacional e o processo de acumulação de capital, para além da concepção de crescimento natural – a do excesso de nascimentos sobre mortes.” (DAMIANI, 2001:39)

Então vemos as migrações sendo um estudo de grande importância no processo de acúmulo de capital já que os fluxos possuem um sentido de saída de

zonas opacas em direção às zonas luminosas, sempre buscando melhores condições de vida através de novas oportunidades de emprego.

O desenvolvimento econômico e cultural no Brasil está atrelado ao fenômeno das migrações que vão se apresentar como característica fundamental a ser analisada quando estudamos a evolução de uma determinada região. Esses movimentos populacionais são determinantes em território brasileiro apresentado nas miscigenações que temos em nosso país.

Recorrendo um pouco a processos históricos vemos a importância desse fenômeno em relação ao campo e a cidade,

A década de 1950 caracterizou-se no Brasil por um processo altamente desenvolvimentista. O então presidente Juscelino Kubitschek, estimulava dois setores importantes da economia brasileira: o da energia e o de transportes. Os anos 50 apresentavam várias mudanças tecnológicas, com mercados e consumo que iriam refletir o crescimento da produção de vários bens. É o tempo da modernização, da urbanização levando os migrantes a abandonarem o campo e se dirigirem às grandes e médias cidades. (DEZAN, 2007, p. 117)

O que significa, que independente dos fluxos serem de uma cidade para outra ou do campo para cidade, eles ainda obedecem à uma hierarquia dos lugares comandada pelo desenvolvimento das técnicas presentes.

Segundo Milton Santos, “o território não é um dado neutro nem um ator passivo. Produz-se uma verdadeira esquizofrenia, já que os lugares escolhidos acolhem e beneficiam os vetores da racionalidade dominante mas também permitem a emergência de outras formas de vida.” (SANTOS, 2001, p. 80) De acordo com o desenvolvimento das técnicas presentes no território ele será mais propício para a fixação de migrantes, por isso esta é uma característica fundamental para entendermos o sentido que as migrações obedecem.

4.1. O RECORTE TEMPORAL NO FENÔMENO MIGRATÓRIO

Dentro de todo estudo geográfico deve ser feita uma periodização que é estabelecida levando em conta até onde afetam os atos passados, até onde um momento na história se faz presente atuando, de certa forma, em nossas vidas. É

lógico que não pretendemos com esse ponto interferir no trabalho dos historiadores, visto que para nós, estudantes de geografia, o único interesse é se utilizar da história como ferramenta para aprofundar nossos estudos, de maneira alguma estabeleceremos esse tópico como o mais relevante. Devemos dar a ele somente a importância de contextualizar brevemente nosso tema de pesquisa.

A passagem de uma sociedade fundamentada na vida e na produção agrária para o modelo urbano-industrial no Brasil ocorre no contexto das transformações internas e externas das primeiras décadas do século XX.

Antes dos anos 30, a forte migração internacional já dava as primeiras contribuições para alterações mais profundas no mercado de trabalho e nas relações sociais que se darão durante o Estado Novo. Neste momento as migrações internas começam a protagonizar os movimentos populacionais mais importantes do país, refletindo uma integração maior do mercado de trabalho nacional, pela oferta de oportunidades de trabalho nos crescentes centros urbanos.

Então, o que temos de interessante a ser analisado são tendências bem distintas. A primeira se passa na década de 1930, onde as migrações internas seguiram duas vertentes: os deslocamentos para as fronteiras agrícolas e para o Sudeste

Estima-se que nos últimos 35 anos, 40 milhões de pessoas abandonaram as zonas rurais do país. O Brasil transformou-se, em algumas décadas, de um país predominantemente rural, num país majoritariamente urbano. Cabe lembrar que, na maioria dos casos, os deslocamentos para a cidade foram compulsórios, consequência de uma política agrária que fechou a fronteira agrícola, modernizou o trabalho do campo e concentrou a posse da terra. (MARINUCCI; MILESI, 2002)

Durante a década de 50 registram-se as maiores taxas de migração interna da história do país, de acordo com os mesmos movimentos que se desenhavam nas décadas anteriores. Os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo figuravam como os dois maiores centros de atração dos migrantes originários, principalmente, dos Estados do Nordeste.

Já na década de 60 há uma inflexão da tendência observada nos 30 anos anteriores, quando as taxas de emigração passaram a apresentar declínio no

Nordeste. Os efeitos da queda nos movimentos são sentidos em São Paulo e, principalmente, no Rio de Janeiro e Paraná. Enquanto isso, Goiás e Mato Grosso continuaram a ostentar as altas taxas imigratórias da década anterior (GRAHAM; HOLANDA FILHO, 1973:741, apud BRAGA, 2006).

Outra tendência vem se desenvolvendo em épocas mais recentes e diverge do êxodo rural de 1930, análises atuais da mobilidade humana apontam para o crescimento das migrações de curta distância (intra-regionais) e dos fluxos urbano-urbano e intra-metropolitano.

Em outras palavras, aumenta o número de pessoas que migram de uma cidade para outra ou no interior das áreas metropolitanas em busca de trabalho e de melhores condições de vida. O êxodo rural continua presente, mas adquirem dimensões sempre maiores os fluxos de retorno, principalmente para o nordeste: entre 1995 e 2000, 48,3% das saídas do Sudeste foram em direção ao Nordeste. Esse refluxo migratório, contudo, não impede que os Estados com maior redução populacional sejam concentrados no nordeste - Paraíba, Piauí, Bahia e Pernambuco. Já o maior crescimento populacional verifica-se em Estados do Norte e do Sudeste. (MARINUCCI; MILESI, 2002)

4.2. AS RAÍZES DOS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS NO BRASIL

Os estudos dos fluxos migratórios internos tornam-se cada vez mais importantes para entendermos a dinâmica da evolução social e econômica do país. Entretanto, tais fluxos nem sempre ocorrem de modo espontâneo, mas apresentam, muitas vezes, fatores que catalisam o fenômeno migratório. Segundo Gonçalves (2001),

Para entender as migrações internas, será preciso encarar de frente alguns nós ou estrangulamentos que, para usar a expressão de Caio Prado Júnior, fazem parte da formação econômica e política do Brasil. Fazem parte, igualmente, da formação histórica e cultural de nossa sociedade. São verdadeiros entraves do desenvolvimento social na história do país.

O primeiro nó a ser analisado é a concentração de terras que tem sua origem nos tempos coloniais e com o passar do tempo esse fenômeno só fez aumentar. Nesse aspecto, o Brasil colônia não é o Brasil de ontem, “A coexistência entre uma elite abastada e a exclusão social da maioria da população é uma realidade da história deste país.” (GONÇALVES, 2001).

Outro nó que estrangula a população assalariada é a questão das relações de trabalho. No Brasil, como em todo mundo capitalista, vivemos hoje uma enorme contradição: ao mesmo tempo em que vemos o desenvolvimento de técnicas mais avançadas, vemos a ressurreição de formas de trabalho execradas e prescritas à parcela da população mais abastarda da história. Se outrora os gastos do Brasil com o trabalho sempre foram mínimos, hoje se tornam irrisórios. Então, uma vez mais, o trabalhador vê-se obrigado a um vaivém compulsório e, não raro, ao esfacelamento do grupo familiar, apenas para suprir, e mal, as despesas com a sobrevivência.

A estiagem periódica no semi-árido brasileiro e a indústria da seca constituem outro nó que está na raiz das migrações. Porém, não podemos cair na ingenuidade de crer que a seca é fator predominante da saída em massa do Nordeste e de Minas Gerais, esta, apenas agrava uma situação fundiária já extremamente desigual.

Para finalizar, temos um novo entrave que estrangula o desenvolvimento brasileiro: a corrupção.

Também esta se encontra fortemente impressa na história e na cultura do país. Se a dívida externa representa uma sangria em parte substancial dos recursos do país e a concentração de riqueza acumula outra grande fatia, a corrupção acaba por completar o quadro de exploração. Fatos e rumores recentes têm trazido à tona o enorme desvio dos recursos públicos em favor de interesses privados. Quanto às famílias para as quais se destinavam tais recursos, quantas delas não acabam caindo na estrada! (GONÇALVES, 2001).

As migrações, como vemos hoje em território brasileiro, são um reflexo de uma organização do espaço desequilibradas, com isso contribuem para o agravamento de problemas socioeconômicos já existentes desde o tempo da colônia. O que falta é um planejamento integrado visando diminuir as disparidades regionais e a sociedade em classes cada vez mais distintas.

4.3. “A MIGRAÇÃO COMO EXPRESSÃO DA CRESCENTE SUJEIÇÃO DO TRABALHO AO CAPITAL” (ROSSINI, 1986)

Para explicar como o fenômeno migratório se vê sujeito ao acúmulo de capital, achamos interessante o que nos traz Rossini em seu trabalho. Apesar de

não ser uma publicação recente, o trabalho de Rossini se mostra extremamente atual, onde se coloca a questão, no sentido de que a migração não é um fenômeno individual, mas ao contrário é um fenômeno de classe social (SINGER, 1975). Não faz sentido o estudo da migração como um movimento de indivíduos num dado período entre dois pontos, o fluxo migratório é definido quando uma classe social se põe em movimento, que pode ser de longa duração e “que descreve um trajeto que pode englobar vários pontos de origem e de destino” (SINGER, 1977, apud ROSSINI, 1986).

O fator importante é não desvincular a visão da migração como seu deslocamento entre modos de produção, essa visão transpassa a migração como simples deslocamento de pessoas no espaço, assim, temos que o capitalismo se alimenta do excedente de trabalhadores, o que viabiliza a expansão da produção, e a mão-de-obra excedente favorece a reprodução do capital.

A geração desse excedente de mão-de-obra está principalmente vinculada ao próprio processo de acumulação. A elevação da composição orgânica do Capital, através da introdução de tecnologia sofisticada, altamente poupadora de mão-de-obra, atinge tanto o campo como a cidade. Essa tecnologia implantada de forma acelerada no Brasil tem provocado custos sociais altíssimos, isto é, intensifica o desemprego, promove o subemprego, etc. (ROSSINI, 1986)

Com o excedente de mão-de-obra, principalmente em meio rural, temos a intensificação dos fluxos migratórios de longo e curto percurso em várias áreas do território nacional.

Nesse contexto vemos o movimento de população não como um movimento espontâneo, mas sim uma verdadeira expulsão do homem, tanto da cidade como do campo, sempre atrás de melhores ofertas de emprego, sendo esta, uma etapa determinante do processo migratório.

Com isso, chegamos a descrição de Martins (1984) da migração,

Mais do que migrantes há um definido universo social da migração... Mais do que transito de um lugar ao outro, há transição de um tempo ao outro. Migrar... é mais do que ir e vir – é viver em espaços geográficos diferentes... é ser duas pessoas ao mesmo tempo...é viver como presente e sonhar como ausente. É ser e não ser ao mesmo tempo; sair quando está chegando, voltar quando está indo...Estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum. É até mesmo partir sempre e não chegar nunca. (MARTINS, 1984, apud ROSSINI, 1986).

5. O ESTUDO DE CASO: MIGRAÇÕES TEMPORÁRIAS EM RAFARD

5.1. QUADRO NATURAL

Rafard localiza-se a uma latitude 23°00'42" sul e a uma longitude 47°31'37" oeste, estando a uma altitude de 515 metros. Sua população de acordo com os resultados do censo de 2010 é de 8.599 habitantes. Situa-se na zona fisiográfica de Piracicaba, com clima de verão quente e úmido e inverno seco e frio, enquadrando-se no chamado clima subtropical. Tem a área de 167km² e limita-se com os Municípios de Capivari, Mombuca, Tietê e Porto Feliz.



Fonte: <http://www.rafard.sp.gov.br/> adaptado pela autora.

A área estudada é parte da chamada depressão periférica, definida por Moraes Rego, situando-se, porém, na Divisão Geomorfológica do Estado proposta por Almeida, numa subdivisão dessa mesma área, denominada zona do médio Tietê.

Geologicamente é constituída na sua maior parte de sedimentos predominantemente arenosos, com algumas ocorrências de rochas basálticas

responsáveis pela presença do Latossolo Roxo. A área em questão é quase totalmente recoberta pelos sedimentos do Grupo Tubarão (Carbonífero Superior), com pequena área recoberta por sedimentos do Grupo Estrada Nova, representados pelas formações Corumbataí e Irati (Permiano) e pequenas intrusões de diabásio.

As culturas de cana cobrem 76,0% da área. Os solos, com exceção de pequenas manchas, são na maioria representados por solos pobres, como o Podzólico Vermelho Amarelo variação Laras, que cobrem 80% da área do município.

Quanto ao clima, observa-se que, na área estudada, é do tipo Cwa (Sistema Köppen), uma zona do clima caracterizada por verões quentes e úmidos e invernos suaves, com precipitações, no mês mais seco, menores que 30 mm, e temperatura média maior que 22°C no mês mais quente e menor que 18°C no mês mais frio. Essas condições climáticas asseguram a quantidade de calor e umidade necessária ao desenvolvimento da cana, bem como condições de queda de temperatura e teor de umidade favoráveis à maturação na época adequada, de 15 (quinze) de Abril à 10 (dez) de Dezembro. A precipitação pluvial média anual na área, segundo Schroder, vai de 1.100 a 1.300 mm.

A exposição do quadro natural explica por si só a importância que o cultivo da cana-de-açúcar tem na região, bem como a presença de usinas que trabalham com a cana e sua forte influência principalmente em uma cidade tão pequena quanto é a cidade de Rafard.

5.2. ESCLARECENDO ATRAVÉS DA HISTÓRIA

Ao nos referirmos ao desenvolvimento econômico e cultural de qualquer município, devemos considerar o processo histórico-geográfico no qual o mesmo se encontra inserido, com isso, após a descrição o quadro natural, também se faz necessário explanarmos sobre o processo histórico o qual deu a formação da cidade em estudo, para assim apontarmos mais uma vez a importância da agroindústria açucareira no local de estudo.

A história vai se iniciar no ano de 1883, quando D. Pedro II passa para um francês a tarefa de construir um Engenho em Capivari com o objetivo de aumentar a economia no país através do cultivo e industrialização da cana e ainda ocupar terras até então pouco povoadas para exercer um maior controle sobre o território. A inauguração do Engenho Central de Capivari ocorreu no dia 26 de julho de 1884 e graças a ele, mais tarde, observamos o nascimento de uma nova cidade, Rafard.

Com o passar do tempo, os trabalhadores do Engenho começaram a construir suas moradias nas fazendas próximas à usina. Com o aumento da população, o povoado foi elevado à categoria de vila, Villa Raffard. Em 1º de dezembro 1929, a vila é elevada à categoria de Distrito.

O que vamos observar de interessante se dá no contexto mundial, com a Segunda Grande Guerra. Durante esse período a comercialização internacional dos produtos provenientes da cana é afetada por conta dos combates no mar. O transporte, mesmo pelo território brasileiro, era feito pelo mar, logo o comércio interno de mercadorias entre as regiões norte e o sul do país foram afetados e os produtos impedidos de chegarem ao seu destino. Como o abastecimento interno dependia fundamentalmente da produção nordestina, a saída encontrada foi a expansão da produção de açúcar em outras regiões.

Foi essa expansão no período da Segunda Grande Guerra que deu origem à definitiva transferência do eixo da produção canavieira para os Estados do Sudeste do Brasil. A partir de então, se vê a importância das usinas se expandindo, com isso o Distrito ganha maior força no cenário econômico da cidade onde está inserido, principalmente nos anos seguintes ao pós-guerra, na qual são implantadas novas usinas na região sendo substituídos os antigos engenhos, incluindo o engenho da cidade de Capivari.

Por causa do descaso da prefeitura de Capivari em relação ao Distrito de Rafard, seus moradores iniciam o processo emancipacionista. Durante uma reunião no Cine Paratodos (antigo cinema de Rafard, hoje desativado) no dia 5 de agosto de 1952, é formada a SAR – Sociedade Amigos de Rafard, com o objetivo de lutar juridicamente pela emancipação político-administrativa do, até então, distrito.

A luta se inicia no campo judicial, e assim se mantém de um lado a SAR querendo a independência de suas terras, e do outro a Comissão Plebiscitária impedindo esse avanço para não perder sua maior fonte de renda.

No campo econômico internacional, as negociações não são tão favoráveis para usineiros, já que os preços do açúcar e do álcool, principais produtos industrializados através da cana-de-açúcar, a partir da Segunda Guerra Mundial, passam por diversas oscilações, ameaçados, os usineiros buscam ajuda do Governo e são prontamente atendidos. O IAA (Instituto do Açúcar e Alcool), órgão de regulação estatal, criado em 1933 adotaram uma série de medidas durante essa época para amenizar a situação.

Após uma série de disputas no campo judicial, tendo a economia como arma principal em sua batalha, no dia 28 de fevereiro de 1964 é promulgada a lei no 8.092-64, reorganizando o quadro territorial, administrativo e judiciário do Estado, então, o distrito ganha status de município e tem suas divisas demarcadas.

6. A REGIÃO COMO FATOR DE ATRAÇÃO

Toda análise geográfica não pode ser bem interpretada fora de seu contexto regional. Em nossas pesquisas é fundamental entendermos como a região contribui e até reforça o fenômeno migratório e como ele se configura no município de Rafard.

Primeiramente devemos entender que por se localizar na Região Administrativa de Campinas, a uma distância de 56,8 Km da cidade de Campinas, a cidade de Rafard está em uma posição privilegiada como vemos na figura 2, localizada muito próxima a esta grande cidade, o que na descrição de Santos e Silveira pode ser chamado de “espaço luminoso”:

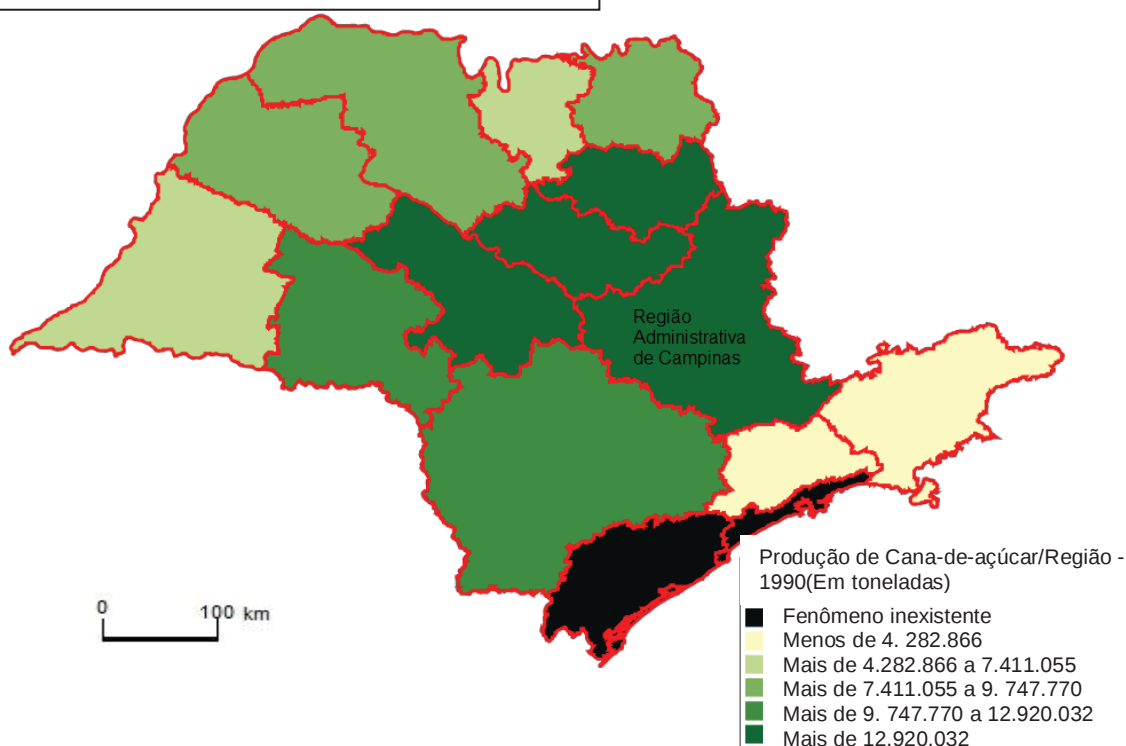
Chamaremos de espaços luminosos aqueles que mais acumulam densidades técnicas e informacionais, ficando assim mais aptos a atrair atividades com maior conteúdo em capital, tecnologia e organização. Por oposição, os subespaços onde tais características estão ausentes seriam os espaços opacos. Entre esses extremos haveria toda uma gama de situações. (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p.264).



Fonte: Google Earth – Adaptado pela autora

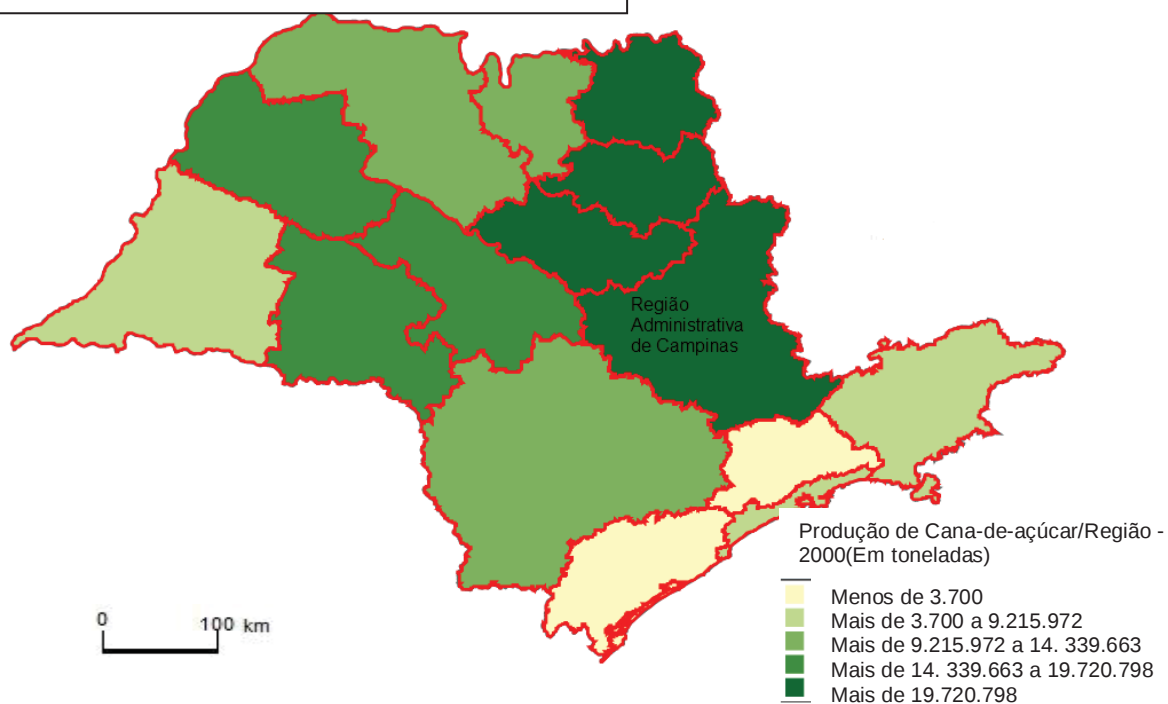
Outro ponto importante de análise regional é o papel que temos na produção da cana-de-açúcar no contexto estadual, já que a Região Administrativa de Campinas sempre esteve entre as que mais produzem cana em território paulista, como podemos analisar nas figuras 3, 4 e 5 que se seguem.

Figura 3: ESTADO DE SÃO PAULO - 1990



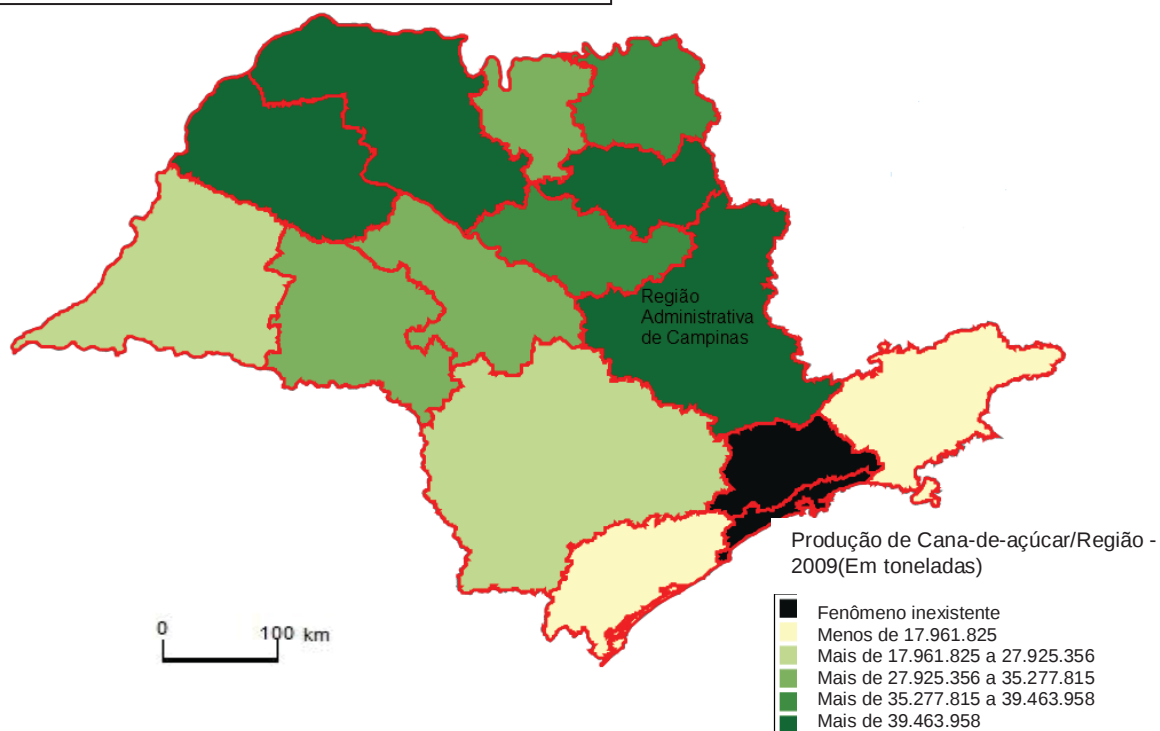
Fonte: Seade

Figura 4: ESTADO DE SÃO PAULO - 2000



Fonte: Seade

Figura 5: ESTADO DE SÃO PAULO - 2009



Fonte: Seade

O que fica bem evidente é que, em diferentes épocas, mesmo em valores menores de produção, a Região Administrativa de Campinas possui grande significância na produção de cana-de-açúcar no Estado de São Paulo.

Com isso, concluímos que a região apresenta um ponto importante de análise na produção de açúcar em Rafard, já que as migrações temporárias ocorrem pela procura por mão-de-obra para o corte desta cultura.

7. DESCRIÇÃO SOBRE AS PROBLEMATICAS QUE SE SEGUIRAM

O quadro que temos para análise não mostra fatores tão favoráveis, afinal mesmo quando falamos em migração temporária, aquela na qual o migrante não fixa residência, poder público teve ter forte atuação para amenizar os problemas.

Nossas pesquisas e observações nos mostraram o quadro oposto do que teríamos por ideal. O que mais nos chamou a atenção se destaca nos campos da saúde, meio ambiente e habitação, na qual a usina atua com tamanha força política e econômica prejudicando a cidade, além da qualidade de vida da população que a circunda. Neste sentido, relatamos em detalhes os problemas encontrados nesses setores.

7.1. SAÚDE

No campo da saúde temos sérios problemas gerados durante a época da safra, quando os funcionários de tal indústria se deslocam até o norte do estado de Minas Gerais e algumas cidades do interior nordestino com o objetivo de trazer empregados para o corte de cana.

Segundo o Sociólogo e ex-Secretário da Saúde de Rafard (2009-2010), Isaac Resende Feres, essa posição é adotada, busca por empregados em outros estados, para não assumir compromisso de empresa, negando aos seus funcionários temporários os direitos que lhes são garantidos como cesta básica, plano de saúde, medicamento, e ainda quando questionada sobre esses trabalhadores, a UPAC¹ - Unidade de Produção Agroindustrial Canavieira - afirma que não há vínculo empregatício e, por isso, não possuem responsabilidade sobre eles.

¹Termo utilizado pelos autores para designar o grupo que gerencia a indústria de cana-de-açúcar localizada em Rafard.

À medida que a empresa traz essas pessoas, ela as explora , já que elas trabalham pesado (serviço braçal em torno de 12 horas diárias), e ganham muito pouco (pela produção do corte de cana), e não podem reivindicar maiores salários. Além disso, a empresa não assume a responsabilidade garantindo saúde básica para esse pessoal, deixando a cargo do SUS. Segundo Ferres “Todos nós temos direito ao SUS, mas por outro lado a empresa deve dar um respaldo, e a usina não dá respaldo nenhum.” No período de safra, a usina contrata um grande número de funcionários, sem que ela auxilie em nada, nem mesmo para deslocar algum empregado que possa vir a sofrer algum acidente com seu instrumento de trabalho dentro das terras da usina. Quando algo semelhante ocorre, o SUS é acionado e é ele que tem que garantir os primeiros socorros e, se necessário, o deslocamento para o hospital da cidade de Piracicaba.

Outro problema no campo da saúde é a respeito das DSTs². O município apresenta um dos maiores índices do Estado de São Paulo de pessoas infectadas com algum tipo de DST e esse problema se agrava na época da safra com a vinda de pessoas que não fazem acompanhamento médico, pois esses trabalhadores são trazidos de cidades que em geral não possuem unidades de saúde. São indivíduos que desconhecem e não sabem o que é uma DST, e que quando conhecem algo, é somente sobre a AIDS, não se preocupam com outras DSTs, e muito menos no uso de preservativo. Por isso, quando se estabelecem na cidade correm o risco de contrair ou transmitir uma DST. Neste contexto se incluem os chamados “órfãos da cana”, resultado de relações íntimas com as munícipes, que engravidam e são abandonadas por esses homens que em decorrência do processo migratório na busca de outros trabalhos, deixam a cidade.

7.2. MEIO AMBIENTE

Segundo o Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (2010-2013), obtido em visita à Casa da Agricultura de Rafard, uma das fraquezas apresentada pelo cultivo da cana-de-açúcar é a adequação a Legislação Ambiental, uma vez que isso implique em altos custos para os produtores. Isso não impediu o

² Doenças Sexualmente Transmissíveis

avanço da produção de cana que, paulatinamente, ocupou os demais espaços utilizados em culturas diversificadas.

O mais grave é que os relatos encontrados em tal documento é “Não existe registro de áreas de preservação ambiental, além daquelas que estão previstas em lei”, o que significa que não há legislação ambiental própria da cidade que se adéqüe a sua realidade.

O setor canavieiro está sendo responsável por reverter o processo de degradação ambiental advindos de seu cultivo tradicional que não se atentava à preservação do meio. Por isso ele é responsável por amenizar os problemas relacionados à preservação ambiental, saúde dos trabalhadores e da população dos aglomerados urbanos do entorno, como relata o documento ao qual tivemos acesso.

A ação proposta para que as condições do plantio da cana seja ideal, seria a de que os proprietários que arrendam suas terras retomem suas atividades agrícolas, conseguindo assim, além de diversificar a produção, quebrando o monopólio da cana, e conseguindo atender as proposições previstas em lei para a adequação ambiental do município. Mas nós sabemos que essa é a contramão do que o mundo capitalista tem por desenvolvimento, já que, a cana-de-açúcar só gera lucros quando cultivada em grande quantidade, já que é necessário um grande volume de cana para produção de álcool e açúcar, os produtos principais de tal matéria-prima.

7.3. HABITAÇÃO

O aumento do fenômeno migratório sem o acompanhamento de uma política pública de habitação gera precariedades habitacionais, como invasão de áreas impróprias para construção de moradia. Mas, e quando o fator de atração do migrante se torna também aquele que inibe sua fixação? Pois é esse o problema habitacional encontrado em Rafard.

Não há espaço para que haja o crescimento da cidade, já que a cidade se limita pelo Rio Capivari, e todo o resto do entorno é constituído pela plantação de cana, como podemos ver na figura 6 abaixo.



Fonte: Google Earth – Adaptado pela autora

Com isso temos dois problemas distintos: ocupações irregulares próximo ao Rio Capivari, que geram inundações de dezembro à março, desabrigando as famílias; o outro problema é a grande procura por casas na cidade o que favorece a especulação imobiliária.

7.4. SOCIAL

Para muitos rafardenses, o período da safra significa um período de maior cuidado, a falta de comunicação com os migrantes implica em grande desconfiança.

A percepção de muitos é de que existe um aumento da criminalidade provocado pela presença de pessoas “de fora”, pessoas que não são rafardenses.

Então podemos também acrescentar em nossas pesquisas o fatos social, pessoas distintas, com origem diferente, que sofrem preconceito pelo simples fato de buscar em movimentos populacionais um caminho para ascensão social.

8. CONCLUSÃO

Poucas informações sistematizadas são encontradas na literatura científica a respeito do cultivo e da disseminação da cana-de-açúcar pelo mundo.

Provavelmente depois de ser introduzida como planta de jardim a cerca de 8.000 anos atrás, a cana foi transferida aos poucos de uma ilha no Pacífico Sul para a Península Malaia, a Indochina. Sabe que, tanto na produção como na comercialização sua expansão marcou vários séculos mundo a fora.

Só em 1520 d. C., a cana-de-açúcar alcançou o México e assim chegou ao Brasil.

A formação econômica foi consolidada no século XVI, através do cultivo de cana-de-açúcar que na época tinha valor expressivo no mercado europeu. O cultivo da cana-de-açúcar iniciou-se na faixa litorânea nordestina, onde se processaram também os primeiros povoados, que além da cultura da cana-de-açúcar resguardavam a posse dessas terras.

Pode-se dizer que a cana-de-açúcar deu sustentação ao processo de colonização no Brasil, tendo sido um das razões de sua prosperidade nos dois primeiros séculos (XVI e XVII).

Mas parece que a colonização da cana ainda ocorre em grande parte do território brasileiro. Na busca pelo acúmulo de capital, uma grande unidade de produção agroindustrial utiliza todo subsídio garantido pelo município de Rafard e não oferece benefício aos munícipes, nem aos seus trabalhadores safristas. Temos aí a configuração de uma “política coronelista”, na qual a usina possui tamanha força econômica que consegue ter seu espaço garantido na política local que não demonstra preocupação com os malefícios aos quais os munícipes são submetidos. Como comparação, apenas na captação de arrecadação que tal indústria gera é superior a arrecadação do IPTU gerado pelos munícipes.

Com isso, o que podemos dizer sobre o futuro dessa cidade? Segundo Santos, “O futuro é formado pelo conjunto de possibilidades e de vontades, mas estes, no plano social, dependem do quadro geográfico que facilita ou restringe,

autoriza ou proíbe a ação humana.” (SANTOS, 2009: p. 130), ou seja, nosso futuro está sujeito à comandos externos aos quais devemos seguir sem maiores questionamentos, mas ainda podemos nos posicionar como população e apresentar algum desgosto com aquilo que nos é imposto, é isso o que aqui sugerimos, que nada fique sem ser questionado e que haja uma procura por melhorias, dentro aquilo que podemos fazer.

9. REFERENCIAS

BRAY, S. C.; FERREIRA, E. R.; RUAS, D. G. G. *As Políticas da Agroindústria Canavieira e o PROÁLCOOL no Brasil*. Marília: UNESP – Marília – Publicações, 2000. 104p.

BRAY, S. C. *A Formação do Capital na Agroindustria Açucareira de São Paulo: Revisão dos Paradigmas Tradicionais*. Tese (Livre Docente) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 1989.

BRAGA, F. G. (2006) *Migração Interna e Urbanização no Brasil Contemporâneo: Um estudo da Rede de Localidades Centrais do Brasil*. Acedido a 14/06/2011, em http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_573.pdf.

DAMIANI, A. L. *População e Geografia*. 5. ed – São Paulo: Contexto, 2001.

DEMO, P. *Introdução à metodologia da Ciência*. São Paulo: Atlas, 1985, p. 85-112.

DEZAN, M. D. de S. *Impactos da Imigração Japonesa Sobre a Diversidade Cultural na Organização do Espaço Geográfico Piracicabano-SP*. Rio Claro-SP: Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2007.

GEORGE, P. *Geografia da População*. – São Paulo: Difusão Européia do Livro – Difel, 1969.

GONÇALVES, A. J.(2001) *Migrações internas: Evoluções e desafios*. Acedido a 14/06/2011, em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a14.pdf>.

MARINUCCI, R. MILESI, R.(2002) *O fenômeno migratório no Brasil*. Acedido em 26/06/2011 em www.migrante.org.br/ofenomenomigratorioparaobrasil.doc.

ROSSINI, R. E. *A Migração Como Expressão da Crescente Sujeição do Trabalho ao Capital*. Capturado de: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anaais/pdf/1986/T86V02A01.pdf> em 06/05/2011

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 6ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *A Urbanização Brasileira*. – 5. ed. – São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SINGER, P. *Economia Política da Urbanização*. São Paulo: Contexto, 1998.

SINGER, P. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*. São Paulo: Ed. Nacional, 1968. 377p.

10. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANTONIO FILHO, F. D. ; DEZAN, M. D. de S. *Metodologias de Pesquisa e Procedimentos Técnicos: Considerações para o uso em Projetos de Pesquisa em Geografia*. Rio Claro – SP: CLIMEP - Climatologia e Estudos da Paisagem – vol. 4 – nº 2, 2009, p. 79-92.

ANTONIO FILHO, F. D. *Para entender o sentido da “Dialética” e do Materialismo- Histórico*. Rio Claro – SP: Diário do Rio Claro, 1989, p. 14-15.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O Método Das Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.

CORRÊA, R. L. *Região e Organização Espacial*. 7. ed. – São Paulo: Ática, 2000.

CUNHA, J. M. P. da; DUARTE, F. A. S. *Migração, redes sociais, políticas públicas e a ocupação dos espaços metropolitanos periféricos: o caso de Paulínia – SP*. In: CUNHA, J. M. P. da (org.) *Novas Metrôpoles Paulistas: Populações, vulnerabilidade e segregação*. – Campinas: Núcleo de Estudos da População – Nepo/Unicamp, 2006.

FONSECA, G. S. *Espacialização das Migrações Temporárias de Mirabelenses*. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010.

LENCIONE, S. *Região e Geografia*. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

MOREIRA, E. P. SZMRECSÁNYI, T. *O Desenvolvimento da Agroindústria Canavieira do Brasil desde a Segunda Guerra Mundial*. Capturado de: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a06.pdf> em 02/06/2011.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. - 4. ed. – São Paulo: Edusp, 2006.

_____. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

ANEXO I:



Relatório de Produção Vegetal

Ano(s): 2000, 2001, 2002 e 2003

Estado: São Paulo

Produto Vegetal: 10009 - Cana-de-açúcar

2000

Exportações (US\$ FOB)	1.929,00
Valores em Mil (R\$)	3.372.474,00
Participação da Produção no Estado	42,0788
Participação da Produção no Brasil	50,6962
Quociente Locacional para Produção	3,1787
Coefficiente de Localização	0,4997
Coefficiente de Especialização Regional	0,4441

2001

Exportações (US\$ FOB)	1.357,00
Valores em Mil (R\$)	4.915.288,00
Participação da Produção no Estado	42,1000
Participação da Produção no Brasil	56,6035
Quociente Locacional para Produção	2,8870
Coefficiente de Localização	0,5009
Coefficiente de Especialização Regional	0,4799

2002

Exportações (US\$ FOB)	2.122,00
Valores em Mil (R\$)	6.481.193,00
Participação da Produção no Estado	41,2419
Participação da Produção no Brasil	56,1615
Quociente Locacional para Produção	3,0295
Coefficiente de Localização	0,4844
Coefficiente de Especialização Regional	0,4532



Fonte: IBGE/PAM, PEVS e MDIC/SECEX.
Metodologia: IPEA/DIRUR/CCF.

11/10/2011 14:00:59
Página 1 de 2



Relatório de Produção Vegetal

Ano(s): 2000, 2001, 2002 e 2003

Estado: São Paulo

Produto Vegetal: 10009 - Cana-de-açúcar

2003

Exportações (US\$ FOB)	9.910,00
Valores em Mil (R\$)	7.047.490,00
Participação da Produção no Estado	40,8634
Participação da Produção no Brasil	57,3511
Quociente Locacional para Produção	3,6953
Coefficiente de Localização	0,5357
Coefficiente de Especialização Regional	0,4970



Fonte: IBGE/PAM, PEVS e MDIC/SECEX.
Metodologia: IPEA/DIUR/CCF.

8/10/2011 20:16:18
Página 2 de 2

FIGURA 7: Localização da UPAC – Unidade de Produção Agroindustrial Canavieira.

O mapa apresenta a localização da UPAC (Unidade de Produção Agroindustrial Canavieira) em Rafard, SP. A indústria é destacada por um retângulo vermelho. O Rio Capivari é representado por uma linha azul. A legenda indica que o retângulo vermelho representa a indústria de cana-de-açúcar e a linha azul representa o Rio Capivari. O mapa inclui uma escala de 200 metros e 500 pés, uma seta de direção e uma barra de zoom. O mapa é atribuído a 2011 Google e 2011 Cnes/Spot Image.

35